

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS  
CAMPUS SÃO BERNARDO

**CONCEIÇÃO DE MARIA CARVALHO FERREIRA**

**A REPRESENTAÇÃO DO HORROR:** uma crítica social em *A queda da casa de Usher* e *o gato preto* de Edgar Allan Poe

São Bernardo – MA  
2017

## CONCEIÇÃO DE MARIA CARVALHO FERREIRA

### **A REPRESENTAÇÃO DO HORROR:** uma crítica social em *A queda da casa de Usher* e *o gato preto* de Edgar Allan Poe

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma Claudia Letícia Gonçalves Moraes

São Bernardo – MA

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Ferreira, Conceição de Maria Carvalho.

A REPRESENTAÇÃO DO HORROR : uma crítica social em A Queda da Casa de Usher e O Gato Preto de Edgar Allan Poe / Conceição de Maria Carvalho Ferreira. - 2017.

48 f.

Orientador(a): Claudia Letícia Gonçalves Moraes.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2017.

1. Crítica Social. 2. Edgar Allan Poe. 3. História. 4. Horror. 5. Literatura. I. Moraes, Claudia Letícia Gonçalves. II. Título.

## CONCEIÇÃO DE MARIA CARVALHO FERREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DO HORROR:** uma crítica social em *A queda da casa de Usher* e *o gato preto* de Edgar Allan Poe

Aprovada em:     /     /

### BANCA EXAMINADORA

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Claudia Letícia Gonçalves Moraes**

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Campus São Bernardo

---

**Prof.<sup>a</sup> Esp. Nayara da Silva Queiroz**

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Campus São Bernardo

---

**Prof. Esp. Rayron Lennon Costa Sousa**

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Campus São Bernardo

Dedico este trabalho a Deus pela permissão de realiza-lo. A minha família, sempre ao meu lado e disposta a me apoiar. A turma 2012 de Licenciatura em Linguagens e Códigos, com a qual compartilhei e vivenciei tantas coisas, especialmente a Gildene Farias, Gidelene Farias, Kelen Lima e Francisca Sousa. A todos os meus Professores, principalmente a minha querida e sábia orientadora, Professora Mestra Claudia Letícia Gonçalves Moraes, pelas suas valiosas orientações.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por tudo que fiz, tudo que tenho e tudo que sou e, principalmente, pela realização deste trabalho.

A minha família, principalmente, minha mãe, meu pai, minhas irmãs e meus irmãos, que mesmo longe, às vezes, estão sempre comigo, acreditam em mim, apoiam-me em minhas decisões e foram os primeiros a incentivar-me nos estudos.

Aos meus amigos, pessoas com as quais sei que sempre posso contar.

Aos meus professores, da Educação Básica ao Ensino Superior, que juntos desenvolveram e fortaleceram meu amor pelos estudos e me guiaram no longo e infinito caminho do conhecimento e que direta e/ou indiretamente contribuíram para com a realização desta pesquisa.

Agradeço em especial a minha orientadora, Professora Mestra Claudia Letícia Gonçalves Moraes, por ter apresentado a mim o autor e as obras estudadas neste trabalho e por ter aceitado realizá-lo comigo.

## RESUMO

A presente monografia intitulada “A Representação do Horror: uma crítica social em *A Queda da Casa de Usher* e *O Gato Preto* de Edgar Allan Poe” tem por objetivo demonstrar a presença de críticas sociais em dois contos de Horror do referido autor, por meio da análise da construção e da representação das críticas sociais nesses textos. Nos últimos anos o autor tornou-se alvo de várias discussões no meio acadêmico. Contudo, a preocupação social, apontada por alguns estudiosos como uma das características de seus textos, tem sido pouco explorada pela crítica. Desse modo, este estudo tem a finalidade de contribuir com esse escasso material. E classifica-se, segundo sua finalidade, como teórico-bibliográfico, utilizando como metodologia a análise-crítica, caracterizada como explicativa, tendo como *corpus* os contos “A Queda da Casa de Usher” (1839) e “O Gato Preto” (1843). Para embasar nossas discussões, utilizamos autores tais como Karnal et al. (2007) que apresenta a História dos Estados Unidos desde sua colonização ao século XXI; Rossi (2008) que expõe um panorama sobre o Gótico na Literatura Inglesa e Norte-Americana; Allen (1945) um dos biógrafos de Poe; Freitas (1986) que versa sobre as relações entre História e Literatura; e Silva (2007) que estuda a característica social do autor. Com base nos estudos teóricos e nas análises dos contos constatamos que as sombras do horror estão algumas críticas do autor a sociedade de sua época, principalmente, bem como algumas referências a acontecimentos importantes da História dos Estados Unidos.

**Palavras-chave:** Edgar Allan Poe. Horror. Crítica Social. Literatura. História.

## ABSTRACT

The present monograph entitled "The Representation of Horror: A Social Criticism in The Fall of the House of Usher and The Black Cat of Edgar Allan Poe" aims to demonstrate the presence of social criticism in two tales of Horror of the author, through the analysis of the construction and representation of social criticism in these texts. In recent years the author has become the target of various discussions in academia. However, the social concern, pointed by some scholars as one of the characteristics of their texts, has been little explored by critics. Thus, this study aims to contribute to this scarce material. It is classified according to its purpose as a theoretical-bibliographical, using as a methodology the critical analysis, characterized as explanatory, having as corpus the short stories "The Fall of the House of Usher" (1839) and "The Black Cat" (1843) ). To support our discussions, we use authors such as Karnal et al. (2007) that presents the History of the United States from its colonization to the 21st century; Rossi (2008), which presents an overview of Gothic in English and North American Literature; Allen (1945) one of Poe's biographers; Freitas (1986) that deals with the relations between History and Literature; e Silva (2007) that studies the social characteristic of the author. Based on the theoretical studies and the analysis of the tales we find that the shadows of horror are some critics of the author the society of his time, mainly as well as some references to important events of the History of the United States.

**Keywords:** Edgar Allan Poe. Horror. Social Criticism. Literature. History.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: DE CÔLONIA A POTÊNCIA GLOBAL .....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>O HORROR NA LITERATURA NORTE-AMERICANA.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>A origem da Literatura Gótica.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2</b>	<b>O Gótico na Literatura Norte-Americana.....</b>	<b>19</b>
<b>3.3</b>	<b>Edgar Poe e suas sombras.....</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>UM GATO, UMA CASA, UM PAÍS: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE FICÇÃO E REALIDADE.....</b>	<b>24</b>
<b>4.1</b>	<b>Literatura e História: os espelhos da humanidade.....</b>	<b>24</b>
<b>4.2</b>	<b>A “Casa dividida” em Usher e nos Estados Unidos.....</b>	<b>26</b>
<b>4.3</b>	<b>A parte obscura da sociedade norte-americana.....</b>	<b>36</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa constituiu-se aos poucos, primeiramente, conheci o autor Edgar Allan Poe e um de seus contos “O Coração Denunciador”, em uma disciplina de férias, Tópicos de Estudos Literários em Língua Portuguesa, ministrada pela Professora Mestra Claudia Letícia Gonçalves Moraes, agora minha orientadora. Posteriormente, no último período do curso, tive acesso, através da mesma, a um livro de contos do autor, **Histórias Extraordinárias**, pois ela conhecia meu interesse pelos contos do norte-americano. As primeiras leituras foram apenas de deleite. Porém, com as discussões de TCC em pauta, decidimos tomar com objeto de estudo as obras que tanto me interessavam. Em conversas sobre leituras de alguns trabalhos acerca do autor, descobrimos que a preocupação social de Poe está presente em seus contos humorísticos e é uma das características menos exploradas pela crítica. Então decidimos pesquisar se tal característica também se encontra em seus contos de Horror, um dos seus gêneros mais conhecidos, e assim, contribuir para com a ampliação dessa escassa literatura.

Tanto o gênero quanto os contos foram escolhidos por sua popularidade, além do interesse pessoal, pois o Horror atribuiu grande visibilidade a Poe e **A Queda da Casa de Usher** (1839) e **O Gato Preto** (1843) estão entre os contos mais conhecidos do norte-americano. Desse modo, surgiu o trabalho “A representação do Horror: uma crítica social em *A Queda da Casa de Usher* e *O Gato Preto* de Edgar Allan Poe”, como o objetivo de demonstrar a presença de críticas sociais do autor nos seus dois contos de Horror, por meio da análise da construção e da representação das críticas sociais nesses textos.

Nossa pesquisa caracterizou-se como teórico-bibliográfica, na qual utilizamos como metodologia a análise-crítica de caráter explicativa. Assim, realizamos um levantamento documental impresso e digital das literaturas que versam teoricamente sobre nosso objeto de estudo. Tais bibliografias – livros, teses, dissertações e artigos – bem como os contos foram minuciosamente analisados e discutidos. Para nos embasar teoricamente em nossos estudos recorreremos a autores como Karnal et al. (2007) que apresentou os Estados Unidos desde suas origens até o século XXI; Rossi (2008) expondo um panorama da Literatura Gótica na Inglaterra e nos Estados Unidos; Allen (1945) que apresenta Edgar Allan Poe do nascimento a vida adulta; Freitas (1986) discutindo a relação entre História e

Literatura; e Silva (2007) que analisa a característica social de Poe em alguns de seus contos humorísticos.

O desenvolvimento do trabalho se deu em três capítulos, o primeiro apresenta a História dos Estados Unidos, da colonização ao século XX. O segundo trata do gênero e do autor dos contos estudados e encontra-se dividido em três itens, o primeiro destinado às origens do Gótico; o segundo a sua presença na Literatura Norte-Americana; o terceiro a vida e produções de Edgar Allan Poe. E o terceiro capítulo refere-se às análises dos contos, também dividido em três itens, o primeiro dedicado à discussão sobre Literatura e História; o segundo apresenta a análise do conto **A Queda da Casa de Usher**; e o terceiro a análise do conto **O Gato Preto**. Após o último capítulo apresentamos as conclusões as quais chegamos com a realização desta pesquisa.

## 2 ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: DE COLÔNIA A POTÊNCIA GLOBAL

Neste capítulo apresentamos, cronologicamente, alguns episódios da História dos Estados Unidos, país de Edgar Allan Poe, autor dos contos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Para tanto, nos basearemos nos estudos de Fiori (2004) e Karnal et al. (2007).

A História do país mais rico e poderoso da atualidade é formada por guerras, conquistas e ambições. A própria origem dos Estados Unidos foi resultado de um processo expansivo e competitivo das potências europeias, bem como sua independência, conquistada entre grandes guerras, como A Guerra dos Sete Anos (1756–1763) e as Guerras Napoleônicas (1803–1815), nas quais Inglaterra e França disputavam a hegemonia europeia e mundial.

Descoberto no final do século XV pelo navegador Cristóvão Colombo, o continente americano, onde está situado os Estados Unidos, logo atraía os olhares e interesses de potências europeias como Espanha, França e Holanda, que viram no novo continente a possibilidade de expandirem seus domínios e riquezas. Contudo, os primeiros capítulos da grandiosa e conflituosa História dos Estados Unidos da América começam a ser escritos no início do século XVII, período no qual começa, efetivamente<sup>1</sup>, a colonização inglesa e surgem as colônias que um século mais tarde dariam origem ao país mais poderoso da atualidade.

A Inglaterra, na época, uma das maiores potências europeias, possuía 13 colônias na nova terra, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Connecticut, Delaware, Georgia, Maryland, Massachusetts, Nova Hampshire, Nova Jersey, Nova York, Pensilvânia, Rhode Island e Virgínia. Para a realização dos trabalhos mais árduos foram trazidos vários negros da África para trabalharem como escravos nessas terras.

As 13 colônias funcionavam em um regime de relativa autonomia entre si e em relação à metrópole, que se mantinha concentrada em seus conflitos internos e externos. Contudo, com o fim da Guerra dos Sete Anos (1763), na qual a Inglaterra tornou-se a grande potência mundial, e da guerra Franco-Índia (1763), na qual os colonos lutaram pela sua expansão em terras indígenas, os britânicos dirigem sua

---

<sup>1</sup>Segundo Karnal et al. (2007) no final do século XVI Sir Walter Raleigh, com a permissão da rainha Elizabeth I, realiza expedições e começa a colonização das terras que chamou de Virgínia, mas essa colonização fracassou, todos os ingleses morreram na nova terra.

atenção para suas colônias e veem a retirada dos franceses da América do Norte e o aumento da autonomia das colônias.

Então os britânicos decidem alterar esse regime, diminuindo a autonomia das colônias através da aprovação de leis que aumentam seus impostos, restringem suas atividades econômicas e favorecem o enriquecimento da metrópole. Como resposta às atitudes dos colonizadores, as 13 colônias se unem, não integral nem facilmente, e após alguns encontros para discutirem os perigos das ações da metrópole contra seu progresso, decidem em 02 de julho de 1776 pela separação e em dois dias depois tem redigida, principalmente por Thomas Jefferson, a Declaração da Independência dos Estados Unidos da América.

No entanto, segundo Karnal et al. (2007, p. 77) as batalhas que o novo país teve que enfrentar para manter sua independência não foram fáceis, afinal lutava conta a maior marinha do mundo e nem todos os colonos apoiavam a separação. Mas “A entrada da França e da Espanha mudou os rumos da guerra. [...] Em 19 de outubro de 1781, as tropas de colonos e seus aliados obtêm a vitória decisiva em Yorktown na Virgínia.” Dois anos depois a Inglaterra reconhece a independência das colônias e assina, em Paris, a versão definitiva do tratado de paz. Com isso o novo país engrandece sua História, pois além de tornar-se independente, tornar-se também o primeiro país a ter sua independência reconhecida por um país europeu.

Independente, mas não integralmente unido, o país mantém-se neutro por algum tempo em relação aos conflitos europeus. Afinal, a batalha que libertou os norte-americanos foi apenas um capítulo das grandes guerras travadas por França e Inglaterra pela conquista da hegemonia dentro da Europa e do mundo. Distante, mas não totalmente, dessas batalhas, pois enfrentou novamente a marinha inglesa em 1812, os norte-americanos começam a difícil tarefa de construir os Estados Unidos da América, definir suas formas e a construir os alicerces de sua própria autonomia e supremacia, elegendo seu primeiro presidente, George Washington líder das forças armadas norte-americanas durante as batalhas de independência, e aumentando seu território.

Desse modo, quando, em 1815, a Inglaterra derrota definitivamente a França e põe fim a grande guerra das potências, a Europa é um continente sucateado e quando consegue se refazer e reassumir suas colônias, os norte-americanos já tinham bases firmes. Contudo, suas relações internas continuavam

frágeis. Portanto, a independência e a formação dos Estados Unidos ocorrem entre o fim da Guerra dos Sete Anos, em 1763 e o fim das Guerras Napoleônicas, em 1815, enquanto sua metrópole disputava com a França a preponderância europeia e mundial.

Desde sua independência, os Estados Unidos escreveram uma História de expansão de poder econômico e territorial admirável. Pois, ainda recém-independente, já negociava suas fronteiras e tratados com todas as grandes potências que possuíam colônias na América do Norte, principalmente com sua antiga metrópole, com quem manteve estreita relação econômica. Aproveitando-se das fragilidades das potências, consequência das guerras, os Estados Unidos conseguiram diversas vitórias diplomáticas, como a compra do território da Louisiana dos franceses em 1803 e da Flórida dos espanhóis em 1819.

Durante a primeira metade do século XIX os Estados Unidos foram uma economia primário-exportadora especializada na produção de algodão e tabaco para a Inglaterra. De acordo com Fiori (2004), uma pesquisa realizada por Madison (2001) revela que ao longo de todo esse século o país norte-americano ocupou a posição de maior prestígio junto aos ingleses. Pois, os maiores investimentos e vantagens foram destinados ao novo país, mesmo este não pertencendo mais ao seu grupo de colônias.

O século XIX foi marcado por muitas mudanças, guerras, conquistas e avanços, não só nos Estados Unidos, mas no mundo. Por exemplo, as descobertas e avanços na Ciência, como a Teoria da Evolução por Seleção Natural do inglês Charles Darwin; na Filosofia, como a obra **O Capital** do alemão Karl Marx; na Política, como a Abolição da Escravidão nos Estados Unidos pelo presidente americano Abraham Lincoln; na Música, as Nove Sinfonias do alemão Beethoven; na Literatura, a obra **Guerra e Paz** do russo Leon Tolstói e o Romantismo do poeta inglês Lord Byron. Este foi, sem dúvida, um século que causou orgulho ao seu povo, principalmente aos norte-americanos como veremos nos próximos parágrafos, e tal fato é observado pelo francês Charles Baudelaire, poeta do século XIX, ao escrever no prefácio do livro **Contos de imaginação e mistério** (2012, p. 09) do estadunidense Edgar Allan Poe, que esse autor foi “[...] produto de um século orgulhoso de si mesmo, filho de uma nação mais orgulhosa de si mesma que qualquer outra [...]”. Assim como Baudelaire, Poe também reconhece tal orgulho, sendo este ponto melhor analisado e discutido no último capítulo.

Voltando-se a expansão territorial e econômica dos Estados Unidos, ainda na primeira metade desse século, segundo Fiori (2004, p. 08), o país aumenta em 60% o tamanho de seu território com a “[...] anexação do Novo México e da Califórnia [...]”, conquistados na guerra contra o México, em 1848. Além disso, têm abertas para si as portas do Pacífico, com a negociação de Óregon com a Inglaterra. Assim, seu comércio de longa distância começa a dar seus primeiros passos em direção à Ásia. Desse modo, antes do término da primeira metade desse século orgulhoso, o país já era um território gigantesco, ligando-se a dois oceanos: o Atlântico e o Pacífico e já havia iniciado sua entrada no continente asiático. Porém, conforme afirma Fiori (2004, p. 08–09) continuava “[...] sendo uma economia primário-exportadora e dependente do capital financeiro inglês [...]”.

Durante o século XIX os Estados Unidos cresceram bastante, e com o intuito de expandir seu território para o oeste, o governo norte-americano deu início a uma série de guerras contra as tribos indígenas que ocupavam essas terras. Foram batalhas sangrentas que atravessaram o século e resultaram em grandes perdas, principalmente para os índios. Ao tratar desses conflitos em **A civilização norte-americana**, Lerner (1960) apud Silva (2007, p. 127) relata que,

As histórias das súbitas incursões dos índios nos povoados brancos passaram a integrar a história do País – os incêndios e as pilhagens, o brandir das machadinhas de guerra, o rapto de vítimas conduzidas para o cativeiro, o esmigalhamento de crânios de criança contra árvores, a morte nas fogueiras, o enterramento de vítimas vivas com pavorosos acompanhamentos de tortura.

O autor descreve alguns atos realizados apenas pelos índios, em seus ataques e já é notável a violência e crueldade das batalhas, mesmo ele alertando que algumas dessas ações fazem parte só da imaginação dos primeiros norte-americanos. Silva (2007), em sua tese de doutorado “Humor e sátira: a outra face de Edgar Allan Poe”, ao discutir algumas ações do governo e dos índios dos Estados Unidos, afirma que os enforcamentos, as mortes por machadadas e os incêndios eram presentes no século XIX.

Além de lutarem contra os índios, os norte-americanos também lutaram e se dividiram, acentuadamente, entre si. Tal conflito resultou na Guerra Civil Americana ou Guerra de Secessão, que se estendeu de 1861 a 1865. Assim, quase um século depois, aconteceu definitivamente a queda da união americana, essencial à independência das 13 colônias, em 1776, dividindo os Estados Unidos em dois:

União (norte) e Estados Confederados da América (sul) e os norte-americanos em nortistas e sulistas. Em **Crítica e Clínica**, Deleuze (2011, p. 77) apresenta a América dessa época como uma nação formada por várias nações, ao afirmar que a “[...] América é feita de Estados federados e de diversos povos imigrantes [...]: por toda parte há coleção de fragmentos, assediada pela ameaça da Secessão [...]”. A afirmação do autor opõe-se a ideia que a própria nação tinha de si, de homogênea.

As diferenças entre as regiões norte e sul se mostravam mais nítidas e insustentáveis com o desenrolar do século XIX, tais diferenças tinham origem, principalmente, no processo de desenvolvimento de cada região. Pois, enquanto o sul enriquecia a custo do trabalho escravo e da exportação de matéria-prima para a Europa, o norte privilegiava o trabalho assalariado e industrial. Ou seja, nortistas e sulistas não estavam em polos opostos apenas geograficamente, mas política e economicamente, e, portanto, precisavam decidir qual modelo adotariam para o processo de desenvolvimento econômico do país, o agrário e escravista do sul ou o industrial e assalariado do norte.

A tensão entre as duas regiões tomou proporções maiores com a vitória presidencial de Abraham Lincoln, em 1860, pois o republicano era contrário à escravidão e queria aboli-la em todos os estados do país. Porém, o desenvolvimento econômico do sul dependia do trabalho escravo, e a região defendia a escravidão. Assim, no ano seguinte à eleição de Lincoln, o sul realiza o primeiro ataque ao norte, dando início a uma guerra sangrenta, a Guerra de Secessão, que teve seu término em 1865, com vitória do norte, abolição da escravidão e mais de 600 mil mortos.

Com o término da guerra e vitória da União, o desenvolvimento econômico do país segue os interesses nortistas, e a escravidão é abolida, mas os negros continuam sendo tratados e vistos como inferiores aos brancos. Ainda em 1865, um sulista assassina o reeleito presidente Lincoln. A Guerra de Secessão foi um dos momentos mais importantes da História dos Estados Unidos, e até ganhou as telas dos cinemas americanos, com o filme “Lincoln” de Steven Spielberg, lançado em 2012. Para Fiori (2004, p. 09) a Guerra Civil Americana mudou o rumo da História do país, pois além da enorme destruição material e humana, ela também “[...] foi a grande responsável pela construção do estado moderno e da economia nacional americana [...]”, uma economia, agora, independente do capital financeiro inglês e capaz de crescer “[...] em conjunto numa mesma direção [...]”.



O país chega ao século XX com a posição de Polícia Internacional e conforme revela Fiori (2004, p. 12)

Ao entrar na I Guerra Mundial, em 1917, os Estados Unidos eram a única potência hegemônica no seu próprio continente, e já tinha uma posição de destaque no tabuleiro asiático. Foi a hora em que começou a sua luta pela hegemonia na Europa, o verdadeiro segredo do poder global.

Em luta pela conquista do poder global, os Estados Unidos enfrentam, ainda nesse século, duas crises econômicas, em 1929, com a queda da Bolsa de New York e em 1973, com a queda do dólar, e mais duas grandes guerras, a II Guerra Mundial (1939–1945), na qual entrou ativamente apenas em 1941, e a Guerra Fria (1945–1991).

Nas duas Guerras Mundiais os norte-americanos saíram vitoriosos e só entraram nas batalhas, após anos de conflitos, também foram decisivos e muito beneficiados em ambas. Segundo Fiori (2004, p. 18)

[...] depois do fim da II Guerra Mundial [...] os Estados Unidos já haviam imposto sua hegemonia na Europa e haviam superado definitivamente suas limitações territoriais, tecnológicas e militares, para enfrentar a luta pela conquista do poder global.

Isso se deve ao fato de uma II Guerra Mundial, mais longa e com apenas 21 anos de distância da I, ter deixado as outras potências fragilizadas, como as duas grandes potências europeias, França e Inglaterra, por exemplo, que ao saírem dessa Guerra já não conseguiam mais manter suas velhas colônias e viram seus impérios coloniais caírem, assim como suas condições de competir com o seu aliado, os Estados Unidos da América. Desse modo, no século XX, a ex-colônia supera sua antiga metrópole, em outras palavras, a criatura torna-se maior e mais poderosa que o seu criador.

É muito importante conhecer todos os capítulos que compõem a História dos Estados Unidos. Contudo, para nós, um capítulo faz-se mais relevante aos demais – o século XIX. A ênfase dada há esse século deve-se ao fato de ser este o período no qual viveu o autor das duas obras que constituem o *corpus* deste trabalho, o escritor e crítico literário Edgar Allan Poe. Autor, que para o também escritor e crítico literário Borges (2002, p. 51) é um dos dois escritores “[...] sem os quais a literatura atual não seria o que é”. O norte-americano possui uma vasta produção literária e é mundialmente conhecido, principalmente, pelos seus contos Policiais e de Horror e pelo seu famoso poema “O Corvo”, escrito em 1845.

Edgar Allan Poe exerceu forte influência e tornou-se referência para inúmeros literatos contemporâneos e posteriores ao seu tempo. O que é justificável, afinal, segundo Borges (2002, p. 51) “Poe projetou sombras múltiplas”. Sombras que se propagam até os dias atuais, e fazem do poeta objeto de inúmeros estudos acadêmicos. Como foram várias as contribuições de Allan Poe para a Literatura, este trabalho ocupar-se-á, principalmente, do gênero Horror, bem como da identificação e análise de possíveis críticas do autor em dois desses contos ao seu tempo e meu social. Sobre as contribuições do escritor nesse gênero, Lovecraft (2007) apud França (2010, p. 82) assinala que “[...] a ele [Poe] devemos a moderna história de horror em seu estado final e aprimorado [...]”. Com esta citação constatamos que este gênero é anterior a Poe, mas este é responsável por modernizar, aperfeiçoar e lapidar o Horror. Mas esse é assunto para o próximo capítulo.

Portanto, apresentada a História dos Estados Unidos da América, principalmente o capítulo que corresponde ao século XIX, e justificada a relevância de conhecê-la, passemos ao segundo capítulo, no qual trataremos do gênero e da vida e produção literária do autor dos contos **A Queda da Casa de Usher** (1839) e **O Gato Preto** (1843).

### 3 O HORROR NA LITERATURA NORTE-AMERICANA

Ao ouvir, falar ou pensar na palavra “horror”, associamo-la, quase simultaneamente, ao vocábulo “medo”, segundo Stuart (2007) a mais antiga das emoções humanas. Desse modo, ao nos depararmos com obras pertencentes a “Literatura de Horror”, imaginamos, de imediato, que essas são histórias que nos causarão medo. Para França (2008, s/p, grifo do autor) “‘Literatura de Horror’ é a denominação mais usual dada a textos ficcionais que, de algum modo, são relacionados ao sentimento de medo físico ou psicológico.” Assim como o Horror, o Gótico também trabalha com o medo e com o próprio horror, ambos encontram-se interligados. Portanto, para estudarmos o Horror será necessário direcionarmos nossa atenção, igualmente, às sombras e mistérios lançados pelo Gótico.

#### 3.1 A origem da Literatura Gótica

De acordo com Rossi (2008) o vocábulo gótico vem dos godos, um dos povos que invadiu a Europa no século VI d. C., nessa época dominada pelo Império Romano. O Gótico tem início na França, no século XII, manifestando-se principalmente na arquitetura. Mas é na Inglaterra que o Gótico conquista o *status* de gênero literário e na Literatura tem o romance como principal veículo de circulação. A Literatura Gótica surge na segunda metade do século XVIII lançando suas sombras sobre as luzes e racionalidade do Iluminismo, Movimento Artístico-Literário-Filosófico surgido na França nesse mesmo século. Tem como data oficial de seu surgimento o ano de 1764 com o romance de Horace Walpole, **O castelo de Otranto**. Todavia, histórias Góticas há séculos povoavam a Literatura e a imaginação dos ingleses.

Horace Walpole torna-se o criador do gênero Gótico e **O castelo de Otranto**, o modelo para os demais castelos góticos. Pois este possuía o que Rossi (2008) afirma ser conhecido como a maquinaria gótica, composta pelas características das histórias desse gênero como um espaço insólito, geralmente estrangeiro; a idade média como tempo em que ocorre a ficção; a presença do medo, horror e terror; perseguições e a psicologia do medo<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup>Segundo Rossi (2008) a psicologia do medo se estrutura em três pilares fundamentais: o estranho (um desequilíbrio em nosso mundo real), o terror (suspense gerada por esse desequilíbrio) e o horror (resolução da suspense).

Trinta anos após a construção do primeiro castelo gótico, surge outro maior e mais glorioso, o romance de Ann Radcliffe, **Os mistérios de Udolfo**. O romance, publicado em 1794, eleva a Literatura Gótica a um novo nível no que se refere à qualidade estética, pois conforme Rossi (2008, p. 69) a autora “[...] une as características góticas com as técnicas mais refinadas e o trabalho estético-artístico de construção do romance.” Assim, o romance de 1794 torna-se um marco na história da Literatura Gótica, ao construir seu castelo com excelência e com materiais de melhor qualidade. Além desses autores, o Gótico contou com os demônios, horrores e mortes de outros autores como Matthew Gregory Lewis, por exemplo. O Gótico também teve suas sobras propagadas nos versos de grandes poetas do Romantismo Inglês como Samuel Coleridge e Lord Byron.

Até a segunda década do século XIX a Literatura Gótica teve grande desenvolvimento, e próximo à data do início de seu declínio, na Literatura Inglesa<sup>3</sup>, publica, em 1818, uma nova e grandiosa obra, o romance **Frankenstein ou o Moderno Prometeu** da escritora Mary Shelley. Após a horrível história da “criatura” e seu “criador”, uma das últimas e, provavelmente a última grande obra, desse período de crescimento das trevas góticas, o gênero perde espaço e só volta a conquistá-lo no final do século, com o enfraquecimento da Era Vitoriana e com a publicação, em 1890, da obra **O retrato de Dorian Gray** de Oscar Wilde e **Drácula**, em 1897, de Bram Stoker.

A Literatura Gótica teve seu início e desenvolvimento na Literatura Inglesa, mas suas sombras, mistérios e horrores foram lançados para além das Ilhas Britânicas e alcançaram novas terras e Literaturas como a Norte-Americana, assunto de nosso próximo item.

### 3.2 O Gótico na Literatura Norte-Americana

A Literatura Gótica recebeu essa denominação na Inglaterra, sua terra de origem. Os ingleses criaram e modelaram esse gênero literário, ergueram seus castelos assombrados, realizaram suas mortes hediondas, criaram seus monstros horríveis, como o elmo de Otranto e a criatura de Frankenstein, vagaram à luz das trevas e mistérios da noite, entre outros horrores. Mas com a expansão da Literatura Gótica para novas terras, alguns elementos da maquinaria gótica não resistiram à

---

<sup>3</sup>Utilizamos Literatura Inglesa para nos referirmos apenas a Literatura das Ilhas Britânicas.

travessia do Atlântico e sofreram alterações nos novos territórios, como nos Estados Unidos, assunto deste tópico.

Nos Estados Unidos, curiosamente, a Literatura Gótica começa se desenvolver simultânea a seu declínio na Inglaterra. Pois a partir da primeira metade do século XIX os castelos góticos ingleses veem suas “[...] pesadas paredes ruírem [...]” (POE, 2010, p. 154) e só voltam a se reerguerem com a decadência da Era Vitoriana, no final do mesmo século. Desse modo, com o surgimento e desenvolvimento do gênero na antiga colônia da Inglaterra, podemos constatar que não houve uma ruptura e declínio total do Gótico na Literatura de Língua Inglesa, uma vez que os Estados Unidos é um país de língua inglesa.

Nos Estados Unidos o Gótico teve seus horrores lançados principalmente por autores como Nathaniel Hawthorne e Edgar Allan Poe no século XIX e H. P. Lovecraft e Stephen King no século XX. Os dois primeiros, Hawthorne e Poe, foram os responsáveis por manterem os horrores do Gótico na Literatura de Língua Inglesa, quando este teve suas sombras iluminadas e reduzidas na Literatura Inglesa. Ambos são considerados grandes mestres do Gótico.

Ao considerarmos o tempo em que esses gênios do Horror começam a produzir suas novas versões de Otranto, notamos que tal fato ocorre a algumas décadas da independência dos Estados Unidos, cerca de meio século depois. Nesses primeiros cinquenta anos de independência, vimos no capítulo 1, o país começava articular estratégias para se desenvolver e obter conquistas e progressos, e ainda tentava se firmar, conseguir acordos e vencer batalhas, afinal o novo país só teve sua independência reconhecida, oficialmente, por sua metrópole, a Inglaterra, em 1783.

Essa rápida contextualização do Gótico nos Estados Unidos justifica a nova estrutura dos castelos de Otranto na América do Norte. Tanto o país quanto o seu povo eram extremamente orgulhosos de si e de seu progresso, mas de mãos dadas a esse sentimento de orgulho andava o sentimento de medo, de fracassarem em seu progresso. Cientes do orgulho, dos medos, das preocupações, enfim, dos fantasmas norte-americanos, os mestres do Gótico liberam e horrorizam a sociedade estadunidense com seus próprios demônios.

Desse modo, nos Estados Unidos da América, a maquinaria gótica sofre algumas transformações, a noite continua como o reino do Gótico com todas as suas trevas e mistérios, a psicologia do medo mantém-se, mas os castelos

desabam, as florestas desaparecem, os cemitérios são enterrados, e em seus lugares erguem-se cidades, mansões, casas, sótãos, assim como os monstros e demônios horríveis e exteriores como o de Otranto dão espaço a monstros e demônios maiores e mais horríveis, os interiores. Um dos autores góticos que explorou e expôs com grande habilidade os monstros interiores foi Edgar Allan Poe. Em Poe, o Gótico teve como principal veículo de circulação um gênero de narrativa breve, o conto.

Sobre esse autor e suas obras alguns críticos afirmam que ambos eram alheios tanto a sua época quanto ao seu meio social e, portanto, não poderiam representá-los e que tais obras representavam unicamente os fantasmas do próprio autor. Como Todorov (1980) apud Silva (2007, p. 169) que afirma que os personagens dos contos “[...] são habitantes dos contos de Poe e não da América contemporânea [...]”. Outros, porém, defendem que Poe tinha um olhar aguçado sobre a sociedade a qual pertencia e que suas obras revelam tal olhar. Allen (1945, p. 176), por exemplo, afirma que “Ao contrário da apaixonada e tantas vezes repetida opinião de muitos críticos, Poe muitas vezes encontrou seu material na vida e no ambiente que o cercava [...]”.

Assim, frente a essas opiniões divergentes buscaremos analisar, no próximo capítulo, dois contos de Horror de Edgar Allan Poe, **A queda da Casa de Usher** (1839) e **O Gato Preto** (1843), nos quais pesquisaremos quais as representações do Horror nessas obras, bem como as relações das mesmas com a época e sociedade do autor. Antes, contudo, é necessário conhecermos alguns capítulos importantes da história desse mestre do Horror, o que faremos no item a seguir.

### 3.3 Edgar Poe e suas sombras

O poeta, contista, romancista, editor e crítico literário Edgar Allan Poe é autor de uma vasta produção literária e não literária. O escritor também é dono de uma biografia extremamente interessante. Neste tópico, apresentaremos, baseando-nos principalmente em Allen (1945), alguns episódios da vida de Edgar Poe, que embora tenha vivido apenas 40 anos, atraiu para si diversas opiniões, tanto de seus contemporâneos como dos posteriores ao seu tempo.

O poeta descende de uma família de atores ambulantes, Elizabeth e David Poe. Nasceu em 19 de janeiro de 1809, em Boston, Massachusetts, e ainda criança vivenciou separações e perdas profundas. Pois, muito cedo o poeta é separado de seu irmão mais velho, Willian Poe, e antes de completar dois anos de vida perde o pai, alguns biógrafos de Poe defendem a morte de seu pai, outros afirmam que David Poe abandonou sua família. Logo em seguida, com cerca de três anos vê a morte de sua talentosa mãe e é separado de sua irmãzinha, Rosalie Poe.

Órfão, foi adotado, mas não oficialmente, pela Sra. Frances Allan e pelo comerciante escocês Jonh Allan. Embora amando e sendo muito amado por sua bela mãe adotiva Edgar Poe não se sentia parte dos Allan. Poe e Jonh Allan tiveram muitas divergências, tanto que o poeta nem foi incluído no testamento do comerciante. Contudo, o escritor teve uma ótima formação, Jonh Allan pagou-lhe boas escolas, tanto nos Estados Unidos, quanto na Escócia e Inglaterra, quando estiveram na Europa, de 1815 a 1820. Poe sempre recebera muitos elogios tanto de seus professores como de seus colegas. Seu desenvolvimento físico e mental eram incrivelmente incompatíveis à sua idade.

Embora Edgar Allan Poe não tenha alcançado, em vida, a fama e reconhecimento literário que tanto almejava, com exceção do breve momento de “O Corvo” (1845), publicou alguns volumes entre poemas, contos, romance e obra didática. Tais como **Tarmelão e Outros Poemas**, publicado, anonimamente, em Boston, 1827; **Al Aaraaf, Tarmelão e Poemas Menores**, em Baltimore, 1829; **Poemas**, em Nova York, 1831; **Narrativa de Artur Gordon Pym**, em Nova York, 1838, seu único romance – nesta obra o autor duplica-se, pois como observa Borges (2002, p. 52, grifos do autor) “O primeiro nome é saxônico: ‘Artur’, Edgar; o segundo, escocês – ‘Allan’, Gordon, em seguida, ‘Pym’, Poe, que são equivalentes.”; **O Primeiro Livro do Concolologista**, ou **Sistema de Malacologia dos Testáceos**, livro didático publicado em Filadélfia, 1839; **Contos do Grotesco e Arabesco**, em Filadélfia, 1839; em Nova York, 1845, publica **Contos e O Corvo e outros Poemas**.

Motivado por alguns problemas pessoais, Poe passa a exercer carreira militar. Primeiro alista-se no Exército e serve-o por cerca de dois anos com o nome de Edgar A. Perry e depois, em 1830, é aceito como cadete na Academia Militar de West Point. Mas essa não era a carreira desejada e logo o poeta abandonou-a. Além da Literatura e da carreira militar, dedicou-se também ao Jornalismo. Foi redator de revistas como o Southern Literary Messenger, em Richmond – Sul, e

Graham's Magazine, em Filadélfia – Norte. Nestes espaços Poe produziu muitas críticas literárias e publicou vários poemas, contos e seu único romance. Com sua genialidade o número de assinantes das revistas cresceu consideravelmente. Mesmo assim, o redator não permaneceu por muito tempo nos mesmos.

Em 1845 torna-se muito conhecido com a publicação de seu famoso poema “O Corvo”, que no ano seguinte foi objeto de estudo do seu também conhecido ensaio “A Filosofia da Composição”. Mas, infelizmente, Poe morre em 07 de outubro de 1849. Segundo Philippov (2004) existem algumas hipóteses a respeito de sua morte como o excesso de álcool, overdose por ópio, um surto de hidrofobia e envenenamento com substâncias liberadas por lâmpões. O homem que conviveu tanto com a morte (em sua vida e Literatura), fez da sua um interessante objeto de estudo, no qual pesquisadores de diferentes épocas debruçam-se na tentativa de desenterrarem o real motivo de sua morte.

Tanto a vida quanto a obra de Edgar Allan Poe renderam-lhe diversos títulos, dentre os quais o de “Poeta Maldito”, título que compartilha com o francês Charles Baudelaire, outro grande poeta e um de seus maiores admiradores e tradutores. Além do Poe “Maldito” temos também o Poe “Fantástico”. Branco (2008, p. 11) em dissertação intitulada “A Recepção do Realismo Mágico na Literatura Portuguesa Contemporânea” ressalta que “Edgar Allan Poe é quiçá o autor de ficção fantástica com mais repercussão no mundo.” Tem entre seus leitores os escritores argentinos Borges e Cortázar, seu maior tradutor para o castelhano, o nicaraguense Rubén Dario, o norte-americano Lovecraft, o brasileiro Machado de Assis, entres outros. O “Gênio”, que criou um gênero puramente intelectual, o conto Policial, com a publicação em abril de 1841 na Graham's Magazine de “Os Assassinatos da Rua Morgue” e deu vida ao protótipo original dos detetives, o francês C. Auguste Dupin.

O macabro e romântico escritor que bebeu da fonte poética de Byron e Coleridge teve uma vida breve, mas a Literatura o tornou um imortal, quase dois séculos após sua morte, seus personagens ainda vivem e suas histórias (reais e fictícias) continuam despertando e atraindo a atenção de diversos estudiosos de diferentes áreas.



## 4 UM GATO, UMA CASA, UM PAÍS: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE FICÇÃO E REALIDADE

No capítulo anterior versamos sobre o desenvolvimento do gênero e a vida e obras do autor do *corpus* desta pesquisa. Neste, realizaremos as análises dos contos, nos quais buscaremos identificar possíveis referências e pontos que liguem **A Queda da Casa de Usher** e **O Gato Preto** do escritor norte-americano Edgar Allan Poe a sociedade dos Estados Unidos do século XIX, principalmente. Com esse fim, o presente capítulo encontra-se dividido em três itens: Literatura e História: os espelhos da humanidade, no qual discutiremos a tênue linha entre Literatura e História; A “Casa dividida” em Usher e nos Estados Unidos, no qual realizaremos a análise do conto **A Queda da Casa de Usher**; e A parte obscura da sociedade norte-americana, dedicado à análise do conto **O Gato Preto**.

### 4.1 Literatura e História: os espelhos da humanidade

Segundo Freitas (1986) Literatura e História receberam ao longo dos anos o título de espelhos da humanidade, ou seja, ambas refletem a imagem da sociedade. De posse dessa informação, cabe a nós fazermos algumas reflexões, tais como: se ambas são espelhos, então refletem fiel e igualmente a sociedade tal como essa se mostra? Se a sociedade é igualmente refletida pelas duas, porque a discussão a respeito da supremacia de uma sobre a outra? Se ambas refletem a mesma imagem – a humanidade – podemos mesmo separá-las totalmente?

São muitas e antigas as discussões acerca das relações entre Literatura e História, bem como são vários os autores que versam sobre esse tema complexo e delicado. Tem despertado interesse e opiniões diversas desde os filósofos gregos Platão e Aristóteles aos pesquisadores contemporâneos. Na introdução do livro **Literatura e História: O Romance Revolucionário de André Malraux** (1986) a crítica brasileira Maria Teresa de Freitas traz alguns questionamentos sobre as duas áreas para revelar como são frágeis suas fronteiras. Pois segundo a autora (1986, p. 01),

Historiadores de renome chegaram a afirmar que História é um ‘romance verdadeiro’; críticos literários conceituados se perguntam se há realmente um traço específico formal que distinga a narração de acontecimentos efetivamente ocorridos, da narração imaginária. Alguns consideram a História uma ‘Ciência’, e exortam a que não se poupem esforços para separá-la da Literatura; outros a definem como sendo o conhecimento

profundo do homem em sua infinita complexidade, e, como tal, bastante próxima daquilo que fazem os escritores literários. (Grifos da autora)

Como demonstra a autora não são estáveis e seguras as pontes que separam e/ou ligam Literatura e História, as opiniões sobre elas colocam-nas em polos opostos, mas que ora se atraem, ora se repelem. Há divergências entre os próprios estudiosos da Literatura tal como dos pesquisadores da História, não se sabendo de fato, por exemplo, onde termina a representação e onde começa a criação. Desse modo, podemos analisar uma obra literária desconsiderando os estudos históricos? Podemos utilizar uma obra literária como fonte de pesquisa em estudos históricos? Até que ponto essas áreas se utilizam e se relacionam uma com a outra?

Tais indagações podem tornar-se mais complexas, ou não, se nos referirmos especificamente ao gênero Romance Histórico, ao qual pertencem os dois romances de André Malraux analisados por Freitas (1986) e, que segundo Cosson e Schwantes (2005, p. 31) constitui-se como um texto “[...] literário e não histórico. [Todavia] o que enseja o uso do adjetivo histórico em um romance é a presença da história como parte constitutiva da obra [...]”. A História faz parte da narrativa, não como pano de fundo desta, mas como parte constitutiva sem a qual não haveria a obra. Desse modo, como separar Literatura e História nesse gênero que as uniu desde o nome?

A respeito da relevância da História na análise de uma obra literária as opiniões também são conflitantes. Segundo Wellek (1963) com o apogeu da Nova Crítica, ocorrido na década de quarenta, os defensores do ponto de vista crítico passaram a atribuir maior ênfase a obra propriamente dita, ou seja, suas informações internas, reduzindo a importância antes dada aos fatores externos a simples informações auxiliares. Contudo, os defensores do ponto de vista histórico não ficaram satisfeitos com tal rebaixamento, pois defendem que a análise de uma história só pode ser considerada eficaz e completa se considerados os fatores externos e internos à obra igualmente importantes.

O renomado crítico brasileiro Antônio Cândido, em sua obra **Literatura e Sociedade** (2006), também discorre sobre esses dois pontos de vista, embora não use os termos ponto de vista crítico e ponto de vista histórico, e afirma que atualmente os críticos não optam ou defendem um ou outro na análise literária, ao contrário, utilizam-se de ambos, uma vez que, reconhecem que os dois devem

relacionar-se dialeticamente, um complementando o outro. A integração entre esses pontos acontece de tal forma que os fatores externos se fixam internamente à obra, passando a categoria de fatores internos à mesma. Como bem revela suas palavras (2006, p. 13–14),

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (Grifos do autor).

Após essas considerações a respeito do estudo das relações entre Literatura e História, passaremos, nos próximos itens, as análises dos contos **A Queda da Casa de Usher** e **O Gato Preto**, respectivamente. Com a intenção de atingirmos os objetivos propostos nessa pesquisa, realizaremos nossa análise pela ótica dialética do crítico Antônio Cândido, fundindo texto e contexto, buscando reconhecer nos fatores internos os externos aos contos, como sugere o crítico, pois ambos serão extremamente relevantes à realização de nossa análise, que também, e principalmente, será embasada por Freitas (1986).

#### 4.2 A “Casa dividida”<sup>4</sup> em Usher e nos Estados Unidos

O conto **A Queda da Casa de Usher**, publicado inicialmente em 1839 na *Gentleman’s Magazine* com o título original “The Fall of the House of Usher”, é uma das obras mais conhecidas do escritor estadunidense Edgar Allan Poe. Nesse conto é narrado, em primeira pessoa, os segredos que envolvem “A Casa” e seus habitantes, os irmãos “Usher”.

A obra começa com a chegada do narrador à Casa, a convite de seu amigo Roderick Usher, o dono da Mansão. Ao chegar, o narrador percebe que tanto a Casa quanto seus habitantes estão em estado de decadência. A Casa apresenta fissuras e os gêmeos – Lady Madeline e Roderick Usher – sofrem de uma misteriosa doença que a cada dia aproxima-os mais e mais do túmulo. Após alguns dias na

---

<sup>4</sup>Retirada do livro **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**, Karnal et al. (2007, p. 110).

Casa o narrador (personagem sem nome) é avisado por Roderick da morte de Madeline e ajuda-o a colocá-la em uma das criptas presentes no subterrâneo da Mansão. Mas em uma noite de violenta tempestade, o narrador e Roderick ouvem barulhos estranhos e aterrorizantes. Sem conseguirem dormir, o narrador inicia a leitura de uma história, na tentativa de acalmar seu amigo. Porém, ficção (história lida) e realidade (conto) misturam-se e os barulhos se intensificam em ambas, até que Roderick confessa que enterraram Lady Madeline viva. E ao ver o corpo cadavérico de Lady Madeline entrando no quarto e caindo sobre o de seu irmão, levando-o já morto ao chão, o narrador foge horrorizado da Mansão e assiste perturbado **A Queda da Casa de Usher**.

O narrador homodiegético<sup>5</sup> conduz o leitor pela Casa mostrando seus aspectos externos e internos, respectivamente, bem como seus proprietários. Esse narrador, que nem mesmo nos revela seu nome, assusta a si mesmo e ao leitor com os acontecimentos na Casa e as atitudes dos Usher. Acontecimentos e personagens considerados por muitos críticos, existentes apenas na mente perturbada de Edgar Allan Poe. Desse modo, é até audaciosa nossa intenção de analisar o conto visando identificar e descrever aspectos que possam estabelecer relações entre o texto e o contexto histórico-social dos Estados Unidos do século XIX. Além de buscarmos demonstrar que tais acontecimentos e personagens não habitam apenas a mente de um autor, pelo contrario, estão presentes e compõem a História de uma das nações mais orgulhosas de si, a norte-americana.

O livro **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI** (2007) de Karnal et al. revela que divisões e conflitos estiveram presentes desde as origens dos Estados Unidos. Quando ainda colônia já havia separações, para além do espaço geográfico, e discordâncias entre os colonos do sul e os colonos do norte, tendo estes se unido, provisoriamente, em prol de sua independência. Nesse momento tornaram se iguais e unidos, embora não pelo amor ao seu país – que ainda nem existia –, mas pelo ódio a Inglaterra. A respeito dessa situação Karnal et al. (2007, p. 87) escrevem que “A guerra contra a Inglaterra tinha unido as colônias, mas sem ter criado, de fato, uma nação homogênea e bem integrada.” A falta de homogeneização e integração solidificada da nação norte-americana fez com que as ex-colônias do sul e do norte, agora estados do sul e do norte retomassem com mais

---

<sup>5</sup>O narrador participa da história que narra, mas não é o personagem principal.

força suas separações e divergências, levando-as ao ápice, a uma Guerra Civil, sulistas *versus* nortistas.

Ao considerarmos o parágrafo anterior notamos uma provável relação entre a História dos Estados Unidos e a história dos Usher. Desse modo, é possível que Edgar Allan Poe tenha recuperado e inserido em seu conto alguns dos principais acontecimentos do novo país, como a sua independência e a sua Guerra Civil. Pois, os Usher viviam na mesma Casa, mas separados por suas pesadas paredes, as condições físicas e psicológicas de ambos faziam com que permanecessem em seus aposentos.

À medida que o tempo passava a doença dos irmãos avançava. Lady Madeline apresentou forte resistência, mas foi vencida. “Até aquele dia, suportara com firmeza a doença, não aceitando ficar recolhida ao leito; mas ao cair da tarde do dia em que cheguei, deixara-se abater.” (POE, 2010, p. 143). Lady Madeline por muito tempo manteve-se forte perante a doença. A mesma resistência de Madeline foi apresentada pelos colonos do sul em relação à proposta de independência, como demonstra Karnal et al. (2007, p. 70) “[...] o sul era mais resistente à ideia da separação.” Porém, com o tempo e as crescentes exigências da metrópole o sul percebe seus interesses econômicos ameaçados e sua resistência ao rompimento com a metrópole começa a desfazer-se.

A partir desse momento as colônias se aproximaram e organizaram o primeiro Congresso da Filadélfia, em 1774, no qual discutiram as medidas e suas relações com a Inglaterra. Em 02 de julho de 1776 o Congresso da Filadélfia decide-se pela independência e dois dias depois tem redigida sua Declaração de Independência. Notamos que o espaço de tempo entre o primeiro encontro entre as colônias a respeito da separação com sua metrópole, quando as barreiras do sul começam a serem derrubadas, e a independência, momento no qual o sul teve sua resistência vencida, é muito breve. Do mesmo modo, não foram muitos os dias que separaram Lady Madeline do momento em que teve seu quadro de saúde agravado do momento de seu enterro. As relações entre a história ficcional e a História do país são estabelecidas por Edgar Allan Poe através de seu narrador homodiegético que narra acontecimentos que recorrem e correspondem aos históricos. Embora tais ligações não estejam nítidas e requeiram um conhecimento significativo sobre a História dos Estados Unidos.

Durante as batalhas pela independência, os colonos do sul e do norte uniram-se, e mesmo que tal união tivesse como força propulsora o ódio pela Inglaterra, lutaram juntos e agiram como irmãos, um cuidando do outro. Referente a esse momento que sulistas e nortistas tornam-se iguais, compartilhando o mesmo objetivo, Poe (2010, p. 148) revela através das palavras do narrador de Usher que

Depois que depositamos o nosso lúgubre fardo sobre uns suportes naquela região de horror, abrimos um pouco a tampa do ataúde, que não estava ainda parafusada, e contemplamos o rosto da morta. Sobretudo chamou-me a atenção a extraordinária semelhança entre irmão e irmã; e Usher, adivinhando talvez meus pensamentos, murmurou algumas palavras pelas quais fiquei sabendo que a morta e ele eram gêmeos [...].

Quando o narrador depara-se com Roderick Usher, não tarda a nos informar da existência de uma irmã de Usher, Lady Madeline. Mas somente no momento do sepultamento percebe que os irmãos Usher eram gêmeos, mesmo sendo amigo de infância de Roderick. Essa descoberta corresponde e faz referência ao período em que nortistas e sulistas estiveram unidos pela independência, como um único povo e não como vários povos que apenas viviam nas mesmas terras, na mesma Casa. Essa união segundo Karnal et al. (2007, p. 79, grifo do autor) tornou-se o lema do novo país “[...] ‘de muitos, um’ [...]”, lema que representava a unificação das 13 colônias e o surgimento de um único país, unido até no nome. Esse momento do país também fez parte da vida de Poe que além de ser neto David Poe que participou das batalhas também conheceu e foi destaque na recepção organizada em Richmond, Virgínia, ao Marquês de Lafayette, comandante das forças francesas na guerra pela independência.

Seguindo a relação estabelecida entre os acontecimentos externos e os internos ao conto, constatamos que as colônias do sul aderiram e lutaram pela independência, mas após a separação com a metrópole a sua forma de vida permanecia praticamente a mesma, a agricultura ainda era sua principal fonte de renda, continuava negociando com a Inglaterra e a escravidão ainda reinava. Portanto, a mudança mais visível foi sua condição de colônias do sul para Estados do sul. Como a independência, a morte de Lady Madeline também lhe proporcionou poucas mudanças, uma vez que a irmã do senhor da Casa de Usher continuava viva. Contudo, agora, ao invés de estar presa a cama em seu quarto estava presa a um ataúde em uma cripta.

Independência e morte, ambos representam tanto o fim quanto o início de uma etapa, marcam uma passagem de um estado para outro. Essa travessia, às vezes, pode ser dolorosa. Foi o que ocorreu nos Estados Unidos, com sua independência, e na Casa de Usher, com a morte de Lady Madeline. Os Estados Unidos, segundo relata Karnal et al. (2007) tiveram que enfrentar algumas batalhas para manterem sua independência. E mesmo durante o período de união provisória entre sulistas e nortistas o país continuava dividido, contrariado o seu lema, uma vez que os interesses políticos e econômicos do sul e do norte eram bem diferentes. As divergências entre as duas regiões eram visíveis e tornaram-se intoleráveis, pondo um fim, em 1861, a união provisória do novo país. Assim, com a separação em 1776 e o início da Guerra de Secessão em 1861, a união provisória dos Estados Unidos desaba após oito décadas e meia e o país divide-se em dois. Tanto o primeiro ataque quanto a divisão do país é realizado pelos sulistas.

Ao buscarmos referências desses fatos em **A Queda da Casa de Usher**, notamos que Edgar Allan Poe usa seu narrador para relatar que com a morte de Madeline, o senhor Usher sofreu fortes transformações em seu comportamento. Andava livremente pela Casa, mas apresentava uma angústia profunda, um conflito interno. Essas mudanças eram resultado dos sons que chegavam aos ouvidos de Roderick oriundos da cripta que guardava provisoriamente o corpo de sua irmã Madeline. O senhor Usher conseguia ouvir seus sons, mesmo antes de reencontrá-la, quando ninguém mais conseguia, como demonstra o trecho de Poe (2010, p. 149) “[...] eu o via olhar o vazio durante horas seguidas, numa atitude de mais profunda atenção, como se escutasse algum som imaginário.” Esse som tornou-se mais forte e insuportável à medida que se aproximava o dia em que Lady Madeline derrubaria suas prisões fúnebres e levantaria de seu enterro provisório.

A irmã de Roderick libertou-se de sua cripta “[...] em uma noite, no sétimo ou oitavo dia após [...]” o seu sepultamento. Interessante atentarmos para a semelhança entre os dias que se passaram entre o enterro e o retorno de Lady Madeline e as décadas que separam a independência e a Guerra Civil norte-americana, o tempo é quase exato. Isso se deve, provavelmente, a grande capacidade de observação e dedução do autor que, inclusive, escreveu um conto “O mistério de Marie Roget”, no qual desvendou um assassinato, tendo com única fonte para tanto os jornais da época. Sobre esse fato, Borges (2002, p. 56) revela que “[...] anos depois se desvendou o assassinato e se concordou com que Poe havia

escrito”. Essa citação confirma a enorme capacidade de observação e dedução de Edgar Poe e como este não era alheio aos acontecimentos de sua época e meio social.

Ao sair de sua cripta Madeline vai à busca de Roderick e “[...] com um grito abafado e queixoso, caiu pesadamente sobre o irmão e, em sua agora, terminal agonia, arrastou-o para o chão, já morto, vítima dos horrores que havia previsto.” (POE, 2010, p. 154). Nesse trecho notamos que os Usher já não mais conseguem guardar para si suas angústias e conflitos e os manifestam fisicamente, a irmã lança-se sobre o irmão em um abraço mortal. Foram dias Lady Madeline aprisionada, dando indícios de que queria e iria libertar-se da prisão imposta por seu irmão e também não mais conteria seus sentimentos em relação a ele. Enquanto Roderick Usher sempre esteve ciente do que acontecia com sua irmã e previa os horrores que aconteceria quando esta conseguisse, finalmente, libertar-se. Portanto, o episódio descrito acima não era alheio aos irmãos Usher. Os acontecimentos narrados anteriormente como os conflitos internos e a relação de ambos suscitavam tal desfecho.

Assim como no conto a relação e atitudes de Madeline e Roderick Usher davam indícios a eles mesmos de um possível confronto físico e mortal entre ambos, na História dos Estados Unidos as grandes oposições políticas e econômicas entre sulistas e nortistas suscitavam a estes um provável confronto armado, a Guerra de Secessão, na qual os norte-americanos tiveram sua Casa dividida.

As referências de Poe a dois grandes acontecimentos norte-americanos que antecederam e precederam historicamente o tempo de sua narrativa, embora estejam intrinsecamente inseridos no conto, remete-a a uma realidade extratextual. Desse modo, o autor faz uso de uma das técnicas de autenticação do discurso<sup>6</sup>, a cronologia longa, apresentada por Freitas (1986, p. 16) como “[...] alusões a fatos passados que teriam de certa forma provocado os episódios da cronologia curta da narrativa, ou previsões de acontecimentos que deles decorrerão.” Poe, em **A Queda da Casa de Usher** faz referências tanto a fatos passados, ocorridos na segunda metade do século XVIII, quanto a fatos futuros, ocorridos na segunda metade do século XIX, considerando que a voz do narrador é emitida da primeira metade do século XIX.

---

<sup>6</sup>Segundo Freitas (1986, p. 14, grifos da autora) são “[...] as referências ou pontos de ligação históricos que inscrevem a narrativa de ficção numa realidade extratextual.”



O autor não deixa explícito que sua narrativa se passa na primeira metade do século XIX, tampouco que se passa no mesmo ano em que foi escrita e publicada, 1839. Mas cita alguns escritores e obras, músicos e pintores que pertencem ao final do século XVIII e primeira metade do século XIX. Contudo, o principal indício que a história se passa na primeira metade do século XIX e no ano de 1839 é a presença de um de seus poemas “O palácio assombrado”, publicado em abril de 1839 na revista *Baltimore Museum*, cerca de cinco meses antes da publicação de **A Queda da Casa de Usher**.

Portanto o autor situa o tempo ficcional em um tempo real, presente e reconhecível e desse ângulo Edgar Allan Poe articula ligações entre seu conto e fatos que ele já conhece porque pertencem ao passado e fatos que ele considera possíveis de ocorrerem, pois fazem parte do futuro. Situado o tempo em que se passa à narrativa, o período no qual viveu seu autor, e os tempos aos quais faz referências, analisaremos o conto a fim de verificarmos se a Casa de Usher desabou em espaço extratextual reconhecível, e principalmente se foi nos Estados Unidos da América, como sugerimos implicitamente ao relacionar os acontecimentos e personagens do conto com os acontecimentos e habitantes do referido país.

A história se desenvolve quase exclusivamente dentro da Casa de Usher, a outra parte é ocorrida nos arredores da mesma, de onde o narrador observa e descreve a imagem a sua frente, como confirma o trecho a seguir, “Contemplei o que estava diante de mim – a casa, a paisagem peculiar da propriedade, os frios muros, as janelas que lembravam olhos vazios, algumas fileiras de carriços e alguns troncos apodrecidos [...]” (POE, 2010, p. 137). A descrição de Poe nos remete a um cenário melancólico, um lugar isolado e antigo. Ao ler os relatos do narrador ao visualizar a Mansão e todo o cenário que compunha a cena que este contemplava com grande tristeza, Allen (1945, p. 185) observa que

A casa de Usher [...] pode bem ser alguma velha e arruinada mansão colonial, de paredes fendidas, encontrada a desfazer-se nos bosques da Carolina, [...] cercada de seus brejos e lúgubres matos, seus lagos orlados de ciprestes e seus fossos indianos, povoados de serpentes.

Considerando o exposto acima a Casa de Usher estaria localizada ao sul dos Estados Unidos, na Carolina do Sul, onde Edgar Allan Poe permaneceu por cerca de um ano a serviço do exército norte-americano. Dessa forma, dada a localização espacial, também uma das técnicas de autenticação do discurso

apresentadas por Freitas (1986), constatamos que a narrativa se passa no novo país, na Carolina do Sul. Talvez, próximo às fronteiras entre sul e norte, uma vez que existe também a Carolina do Norte, e desde os tempos de colônia aos de Estado as Carolinas separam e ligam norte e sul.

Conforme a citação acima a Casa de Usher seria uma antiga construção colonial situada na Carolina do Sul. Todavia, ao considerarmos as possíveis referências que Poe faz, implicitamente, em seu conto a fatos passados e futuros ao seu tempo e ocorridos nas terras norte-americanas e somarmos a estes as leituras que realizamos das representações da Casa na narrativa, analisamos que as referências externas as quais a Mansão de Usher remete estão para além da construção citada por Allen (1945). Pois no conto assim como a Casa é considerada o lar dos Usher, personagens que remetem aos sulistas e nortistas, a Casa dos Usher pode bem ser a Casa dos nortistas e sulistas, isto é, os Estados Unidos da América.

A representação da Mansão dos Usher vai para além do espaço físico no qual os fatos ocorrem, Ela também é um dos personagens principais do conto bem como os seus donos, tanto que juntos, a Casa e os Usher, formam o título da narrativa, **A Queda da Casa de Usher**. A Construção chega mesmo a ser descrita com características humanas como na passagem na qual suas imensas janelas são comparadas com olhos vazios. Olhos que não revelam seus segredos, mantendo-os internamente, visíveis apenas aos seus habitantes, do mesmo modo que os Estados Unidos mantinham seus conflitos dentro de suas fronteiras. Além disso, a Casa e os Usher possuem uma relação intrínseca e exercem uma força misteriosa um sobre o outro. Como registra o seguinte trecho do conto,

[...] fui tomando conhecimento, pouco a pouco, por insinuações interrompidas e ambíguas, de um pormenor singular de sua condição mental. Estava aprisionado por certas impressões supersticiosas ligadas à mansão que habitava, da qual, por muitos anos, não se atrevia a sair. Relacionava-se a uma influência cuja suposta força foi por ele aludida em termos tão sombrios, que não repetirei aqui; uma influência que certas peculiaridades que existiam na forma e matéria da mansão lograram, à custa de prolongado sofrimento – segundo dizia meu amigo –, exercer sobre ele um efeito que o *físico* das paredes, das torres cinzentas, e do sombrio lago onde tudo se refletia, terminara por fazer pesar sobre o *moral* de sua existência. (POE, 2010, p. 142, grifos do autor).

Nesse fragmento da narrativa notamos que o próprio Roderick Usher reconhecia as forças que as paredes de sua Mansão exerciam sobre si, e o

prendiam de um modo que há anos não se atrevia a deixá-la. Tanto que a estrutura da Construção é tida pelo seu dono como um dos fatores que contribuíam para com sua moléstia. Esse trecho remete a ideia dos Estados Unidos como a Casa que abrigou os colonos que acabaram criando raízes nas novas terras.

Há outra passagem na narrativa que relata a intimidade entre a Casa e seus habitantes e reforça nossas interpretações, como a que se segue: “[...] tendo ele sido informado [...] de que Lady Madeline já não mais vivia, disse-me que tinha intenção de conservar o corpo [...] em uma das muitas criptas localizadas no interior das paredes principais do edifício.” (POE, 2010, p. 147–148). O sepultamento, embora provisório, de Madeline nas paredes de sua Mansão confirma a grande ligação entre os Usher e a Casa, bem como a ideia de que aqueles pertenciam a esta. Pois, Roderick há tempos não ultrapassava as paredes do Edifício e Madeline nem mesmo após sua “morte” deixa-o, ao contrário, ela passa a integrar, pertencer e compor literalmente a estrutura da Casa. Como a passagem do sepultamento de Lady Madeline faz referência ao período da independência, essa ligação com a Casa remete ao momento em que o relacionamento entre os norte-americanos e suas terras se intensificou. Pois, agora elas pertenciam oficialmente a eles e eles a elas. Ou seja, a partir de então eles tinham um país e o país uma nação.

Do mesmo modo que a Mansão exercia forças sobre as atitudes de seus habitantes como revelou Roderick, as ações destes tinham um impacto sobre suas pesadas paredes seculares. Portanto, a Casa pertencia aos Usher, assim como os Usher pertenciam a Casa. E ao final da narrativa compreendemos a intensidade de tal dependência, quando após o último confronto entre os irmãos Usher o narrador descreve que

A irradiação que provinha da lua cheia, de um vermelho cor de sangue [...] brilhava agora através daquela fenda antes mal discernível [...] e que se estendia, em ziguezague, desde o telhado do edifício até sua base. Enquanto a olhava, a fenda alargou-se rapidamente, soprou violenta rajada de vento, em redemoinho, e o disco inteiro do satélite irrompeu subitamente à minha frente. Meu cérebro se transtornou quando vi as pesadas paredes ruírem, partidas ao meio [...]. (POE, 2010, p. 154).

A citação remete ao que a Guerra Civil Norte-Americana representou e provocou ao seu país e ao seu povo. Tal confronto dividiu nitidamente a Casa/Estados Unidos em duas partes, norte e sul, União e Estados Confederados da América. Essa Guerra, além de dividir o país também derrubou a ideia de nação unida, estabelecida na luta pela independência e transmitida e defendida desde

então. Contudo, as fissuras dessa ideia e do país estavam presentes desde a formação das 13 colônias, embora as pessoas distantes dessas terras não notassem, e com o conflito alargou-se completamente a ponto de derrubá-la. No texto esse alargamento revelou uma lua cheia cor de sangue e no contexto uma terra banhada por sangue. Além disso, como na História o conto revela que desde a chegada do narrador à Casa de Usher existia em suas paredes “[...] uma fissura quase imperceptível [que] estendia-se desde o telhado da fachada, descendo em ziguezague até sumir nas sombrias águas do lago.” Mostrando que as fronteiras/paredes do país/Casa não abrigavam uma nação/Usher unida e perfeita, mas atormentada e dividida por seus conflitos.

Baseando-nos nas citações e considerações acima, constatamos que assim como os Usher, provavelmente, fazem referência aos norte-americanos, a Casa, possivelmente, faz aos Estados Unidos da América, o lar dos sulistas e nortistas. Desse modo, constatamos que a Casa não apenas desabou no novo país, a Casa é os Estados Unidos da América.

Como exposto no primeiro capítulo, o povo norte-americano orgulhava-se demasiadamente de si e considerava-se muito superior aos outros, mesmo aos que se encontravam dentro dos limites de suas fronteiras, como os índios e os negros, o primeiro visto como uma ameaça que devia ser eliminada e o segundo como uma mercadoria, nem mesmo era considerado um povo. Ciente desses sentimentos nosso autor revela nas palavras do narrador que “[...] a família [Usher] perpetuara-se sempre em linha direta, com efêmeras e inexpressivas exceções.” (POE, 2010, p. 138). Nesse trecho Poe revela que a família dos Usher não se relacionava com as outras famílias, apenas consigo mesma, fora raríssimas exceções. Isso pode revelar que, assim como o povo norte-americano os Usher também mantinham um imenso orgulho de sua linhagem e a consideravam tão superior as demais a ponto de não querer misturar-se a elas.

Seguindo a análise a respeito da superioridade do novo país, identificamos uma crítica do autor em relação a esse tema. Pois os estadunidenses consideravam-se superiores em vários aspectos como na Ciência, por exemplo. E a esse aspecto direciona-se a crítica de Poe. Reafirmada no conto “Pequena conversa com uma múmia” (1845), analisado por Silva (2007). Os cientistas norte-americanos viam-se como grandes intelectuais, donos de uma Ciência mais avançada que as outras. Todavia, “Por longo tempo a enfermidade de Lady Madeline desafiara a

ciência dos médicos.” (POE, 2010, p. 143). Com esta declaração Poe contesta a superioridade dessa Ciência e revela os exageros atribuídos ao desenvolvimento desta, que afinal, não foi capaz de desvendar, tampouco vencer a doença de Lady Madeline. Assim notamos que o narrador apresenta os acontecimentos e segredos de uma casa (A Casa de Usher) e de seus habitantes (os Usher) e o autor apresenta os acontecimentos e segredos de um país (os Estados Unidos da América) e de seus habitantes (os norte-americanos).

Considerando o exposto neste item, constatamos que as referências históricas em **A Queda da Casa de Usher** não se limitam apenas a primeira metade do século XIX. Pois Edgar Allan Poe apresenta fatos, ideias e sentimentos anteriores concomitantes e posteriores ao seu tempo e meio social. Do mesmo modo faz críticas que não se restringem unicamente ao tempo e sociedade no qual viveu, mas estende-se desde os primeiros colonos e tempos de colonização até um tempo e sociedade futuros e prováveis de existir. No próximo item dedicar-nos-emos a análise de **O Gato Preto**, buscando identificar e discutir, possíveis relações e críticas desse ao tempo e meio social de seu autor, o estadunidense Edgar Allan Poe.

### 4.3 A parte obscura da sociedade norte-americana

**O Gato Preto** do escritor Edgar Allan Poe é, provavelmente, o conto mais conhecido do autor. Publicado pela primeira vez em 1843 no Saturday Evening Post, com o título original de “The Black Cat”, conta através de um narrador autodiegético<sup>7</sup> a história de um homem, o próprio narrador, da infância à vida adulta. Ele inicia o conto fazendo algumas considerações acerca do que irá narrar e então apresenta da prisão uma série de acontecimentos, que denomina como domésticos, que o levam a transitar da mais pura docilidade a mais terrível perversidade, da gentileza à violência, do amor ao ódio, da proteção à vida ao assassinato, da liberdade à prisão. Esse homem que desde criança revelava um grande amor pelos animais, ao se tornar adulto conservou tal sentimento e casou-se com uma mulher que compartilhava desse amor. O casal vivia feliz e amava seus animais, principalmente Pluto, **O Gato Preto**.

Mas com o tempo os sentimentos e atitudes do homem sofreram fortes alterações e tanto a mulher quanto os animais passam a sofrer violências. O gato,

---

<sup>7</sup> O narrador é protagonista da história que narra.

antes tão amado é agora assassinado pelo seu dono que após algum tempo procura e encontra outro gato idêntico ao primeiro, não fosse uma mancha branca. Esse segundo gato, uma espécie de reencarnação do primeiro, é segundo o narrador, a sua perdição. O animal lhe causava grande horror, mas um dia tomado de um ódio demoníaco o homem tenta mata-lo e ao ser impedido por sua mulher acaba matando-a e ocultando seu corpo. Contudo, o orgulho de ter cometido o crime perfeito acaba denunciando-o e revelando aos policiais a imagem da mulher e do gato emparedados.

Segundo Karnal et al. (2007, p. 87) a independência das 13 colônias foi calcada nos ideais de liberdade, felicidade e prosperidade propostos pelo filósofo inglês John Locke. E no século seguinte, o XIX, o país “[...] permanecia fiel à visão que tinha construído de si mesmo: um lugar independente, democrático e autossuficiente, guiado por pessoas virtuosas que marchavam em direção ao progresso.” Um país formado por homens – homens brancos e ricos – livres e bons.

Todavia, Edgar Allan Poe ao lançar seu olhar para a nação norte-americana tanto do sul quanto do norte, uma vez que o autor viveu em ambas as regiões, observou que a sociedade não era como os americanos a viam e queria que o mundo a visse, formada por pessoas virtuosas, totalmente livres marchando rumo ao progresso. Pelo contrário, era uma sociedade formada por homens aprisionados em si mesmos, por seus próprios sentimentos, prisões essas mais terríveis que as físicas, pois embora o seu personagem esteja narrando sua história de uma “[...] cela de criminoso [...]” (POE, 2010, p. 18), sua verdadeira cela não pode ser vista nem tocada, pois eram seus sentimentos e pensamentos. E como podia um homem aprisionado em si mesmo, sem entender seus próprios sentimentos ser capaz de marchar em direção ao progresso?

Quando, ao amanhecer, voltei à razão [...] senti, pelo crime que cometera, um sentimento que era uma mescla de horror e remorso [...] Fiz isso [enforcou o gato] com os olhos cheios de lágrimas, com o coração transbordante do mais amargo remorso. [...] Durante meses, não pude livrar-me do fantasma do gato e, nesse intervalo de tempo, nasceu em meu espírito uma espécie de sentimento que parecia remorso, embora não o fosse. [...] a verdade é que, não sei como nem por que, seu evidente amor por mim me desgostava e exasperava. [...] No que diz respeito aos meus sentimentos, é loucura falar. (POE, 2010, p. 15–22).

Como notamos a personagem mostra-se confusa, presa em relação a seus sentimentos e pensamentos ambíguos, e quando não, é consequência de

reflexões posteriores, uma vez que o narrador conta os fatos que aconteceram consigo algum tempo atrás. Assim como esta personagem, o homem norte-americano também estava aprisionado em seus conflitos internos, pois tinha um país a dar forma, tinha que manter sua independência, firmar-se e impor-se interna e exteriormente. E segundo Karnal et al. (2007, p. 95) houve um período durante a primeira metade do século XIX que o otimista e orgulhoso povo estadunidense sofreu economicamente e, então, “[...] mergulhou num período de pessimismo, privação, desespero [...]”. A História também relata, como a ficção, momentos da vida desse homem que revelam nitidamente seu aprisionamento em sentimentos negativos, confusos, o que é contrário a ideia de homem livre que marcha rumo ao progresso.

Poe também reconhecia que o homem, inclusive o norte-americano, é essencialmente bom e mal, que este é formado por essa dualidade, por essas forças opostas que fazem com que o mesmo se transforme ao longo da vida, isto é, não seja completa e eternamente bom, como se auto propagavam os estadunidenses, nem completa e eternamente mal. Essa contradição e crítica à visão de homem e sociedade perfeita que o país criará foram fortemente representadas nesse conto, no qual apresenta uma personagem que tem uma personalidade dinâmica, capaz das atitudes mais dóceis as mais perversas, oscilando entre o bem e o mal,

Desde a infância, tornava-se evidentes a docilidade e o sentido humano de meu caráter. [...] gostava muito de animais, [...] nunca me sentia tão feliz como quando os alimentava ou os acariciava. Com o tempo, essa particularidade de meu caráter aumentou [...] Nossa amizade [do homem e do gato] permaneceu [...] vários anos, durante os quais não apenas o meu caráter como também o meu temperamento [...] sofreram [...] uma radical transformação para pior. [...] Meu mal porém ia tomando conta de mim – que outro mal pode comparar-se ao álcool? [...] Uma noite [...] embriagado [...] Tirei um canivete do bolso, abri-o, agarrei o pobre animal [o gato] pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos! Coro, estremeço, abraço-me de vergonha, ao falar aqui dessa atrocidade. [...] Certa manhã, a sangue frio, meti-lhe um nó corredio em torno do pescoço [do gato] e enforquei-o no galho de uma árvore. [...] Pegando uma machadinha [...] dirigi ao animal [o segundo gato] um golpe que teria sido mortal, se atingisse o alvo. Porém minha mulher segurou-me o braço [...] Tomado, então de fúria demoníaca, liberei o braço do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro. (POE, 2010, p. 13–19).

Com essa personagem redonda<sup>8</sup>, Poe denunciava a falsa ideia de nação formada por homens unicamente bons. Revelando que como a sua personagem os

---

<sup>8</sup> Segundo Moisés (2007, p. 110) são personagens que possuem “[...] uma série complexa de qualidades ou/e defeitos.”

norte-americanos também eram redondos, tinham sua personalidade transformada ao longo do tempo. E tinham em si tanto o bem quanto o mal, e ora podia prevalecer um, ora o outro. Até Deus é apresentado pelo autor como um ser dicotômico ao passo que é apresentado como “[...] um Deus infinitamente misericordioso e infinitamente terrível.” (POE, 2010, p. 16). Notamos também na citação que a mudança no caráter e no temperamento do homem ocorreu devido ao uso excessivo de álcool, e de fato segundo Karnal et al. (2007) era bastante significativo o número de alcoólatras no país na década de 1820. Ainda nesses fragmentos da narrativa percebemos outras referências que Poe faz a fatos externos ao texto e presentes no contexto norte-americano do século XIX, como o enforcamento do gato e a machadada no cérebro de sua mulher. Pois segundo Silva (2007, p. 127)

Os enforcamentos eram uma prática cotidiana da realidade social do século XIX, como forma de manutenção da lei e da ordem, e o desfalecimento do inimigo a machadadas era uma modalidade de combate comum entre as tribos indígenas dos Estados Unidos.

Como exposto no primeiro capítulo, nesse século houve o avanço dos norte-americanos para o oeste, na qual o combate entre esses e os índios era uma realidade constante. Assim, Edgar Allan Poe se apropria desse fato histórico inserindo-o em seu conto e denunciando suas barbáries, bem como das formas que a sociedade usava para manter sua ordem.

Outra situação presente no século XIX e que não escapou nem ao olhar aguçado do poeta nem as suas críticas foi a condição da mulher na sociedade. Sobre essa condição, Silva (2007, p. 110) informa que “[...] as mulheres [...] sob o regime patriarcal não possuíam voz ativa e nem o direito de expressar-se.” Notamos, então, que as mulheres viviam às sombras dos homens, passivamente, recebendo e cumprindo as ordens desses, pois viviam em sua função. Karnal et al. (2007, p. 58) também analisou a situação da mulher nos Estados Unidos, mas na segunda metade do século XVIII, e relatou que “[...] as mulheres não tinham identidade legal. Sua vida transcorria à sombra do pai e do marido.” Ao compararmos as afirmações dos autores percebemos que a passagem dos anos, a mudança de um século para o outro em nada alterou a condição da mulher, que continuava de servidão e obediência ao homem. Edgar Allan Poe como esses autores também analisou e revelou a situação da mulher norte-americana, expondo-a e denunciando-a nas seguintes passagens de **O Gato Preto**,



Casei cedo, e tive sorte em encontrar em minha mulher disposição semelhante à minha. Percebendo o meu amor pelos animais domésticos, ela não perdia a oportunidade de arranjar as espécies mais agradáveis de bichos. [...] minha mulher – coitada dela! – não se queixava nunca, convertendo-se na mais paciente e sofredora das vítimas. [...] Porém minha mulher segurou-me o braço, detendo o golpe. [...] liberei o braço do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro. Minha mulher caiu morta instantaneamente, sem soltar um gemido. (POE, 2010, p. 14–19).

A citação inicia com o narrador comentado que casou cedo, o que segundo Allen (1945) era comum nos Estados Unidos do século XIX, e encontrou uma mulher que tinha pelos animais domésticos amor igual ao seu e desde o início procurou agradá-lo. Aqui percebemos que o autor cria uma personagem feminina que serve ao marido desde o princípio, pois se este amava os animais ela também os amava e enchia a casa de animais só para satisfazê-lo. E sem voz ativa, ela simplesmente ouvia e recebia calada, o que este dizia ou fazia, bem como fazia a mulher apresentada por Silva (2007). Assim a mulher do narrador mesmo sendo agredida nunca reagiu, nem mesmo verbalmente, e a única vez que decidiu ser ativa, expressar-se e opor-se a uma decisão do homem, foi mortalmente castigada. Deixando nítido que sua função era servi-lo, sem resistência alguma. Situação que é aludida novamente em sua morte, na qual ela não solta nem um gemido.

A mulher representada por Poe é a mulher do lar, aquela preparada para casar, ter filhos e cuidar destes, do marido e da casa, como era a mulher da sua época. Tanto que a personagem feminina só aparece dentro da casa, enquanto o narrador e o gato preto aparecem tanto na casa quanto fora dela, na rua e na taberna, como revela o trecho a seguir,

Certa noite, em que estava sentado, meio aturdido, em um antro mais do que sórdido, tive a atenção atraída, subitamente, por um objeto negro [...] Aproximei-me e toquei o com a mão. Era um gato preto [...] Continuei a afaga-lo e, quando me dispunha a voltar para casa, o animal quis me acompanhar. Deixei que o fizesse [...] Ao chegar, sentiu-se imediatamente à vontade [...].” (POE, 2010, p. 17).

Tanto o homem quanto o gato preto transitam em diferentes espaços, enquanto a mulher tem como único espaço a casa, lugar onde deve desenvolver as funções para qual foi preparada e designada, segundo a visão de seu tempo e sociedade. Inferior até mesmo ao animal, que como notamos é comparado ao homem, pois ambos surgem nos mesmos ambientes. Tal inferioridade em relação ao animal é mais explícita no final do conto quando o homem narra que “Sobre sua cabeça, [da mulher] com a boca vermelha dilatada e o único olho chamejante,

achava-se pousado o animal odioso [...]” (POE, 2010, p. 22). Ao colocar o animal sobre a cabeça da mulher Poe revela como esta não tinha uma identidade legal, sempre a sombra dos outros, ocupando uma posição abaixo até mesmo de um animal doméstico.

Poe denuncia também em seu conto os limites da razão, que nem sempre conseguia absorver e explicar todos os acontecimentos, precisando, às vezes, da contribuição da superstição. Assim também o homem norte-americano não possuía um conhecimento tão superior quanto afirmava. Fato perceptível nos seguintes trechos do conto, “Quando falava sobre sua inteligência, minha mulher, que no íntimo era um pouco supersticiosa, fazia constantes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas.” (POE, 2010, p.14). Percebemos que a personagem feminina faz alusão a uma antiga superstição, a de que em todo gato preto há uma feiticeira disfarçada, isso devido a grande inteligência e sagacidade do gato, qualidades que fazem com que os acontecimentos ligados a si, que são todos, ultrapassem os limites da razão e busque outras explicações. A escolha do animal – gato, da cor – preta não foram aleatórios, pois como registra em seu famoso ensaio “A Filosofia da Composição” (1846), nada é por acaso, tudo é planejado. Pois a imagem do gato preto, até nos dias atuais ainda remete as mesmas superstições antigas, ainda é comum relacionar o gato preto a feitiçaria, a práticas malignas. Assim Poe ataca tanto a ciência quanto a religião.

Com Karnal et al. (2007, p. 39, grifos do autor) percebemos que desde o início da colonização norte-americana os homens acreditavam ser um povo escolhido por Deus. “Os ‘puritanos’ [...] tinham em altíssima conta a ideia de que constituíam uma ‘nova Canaã’, um ‘povo de Israel’: um grupo escolhido por Deus para criar uma sociedade de ‘eleitos.’” Contudo, ao lançar seu aguçado olhar sobre seus contemporâneos Poe descobre a falsidade dessa ideia e usa seu conto para tal revelação ao destacar alguns defeitos desse povo que se denominava perfeito, como “[...] a amizade mesquinha e a frágil fidelidade dos homens.” (POE, 2010, p.14). A esses somava-se ainda a perversidade, “[...] uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem.” (Ibid., p.15). Ao denunciar tais defeitos o autor começa a desfazer a ideia de povo obediente as leis de Deus e, portanto, protegido por Ele. Ideia que será totalmente desfeita na passagem a seguir

Na verdade, naquele momento eu era um miserável – um ser que ia além da própria miséria da humanidade. Era um monstro, cujo irmão fora desdenhosamente por mim destruído... um monstro que se engendrara em mim, homem feito à imagem do Deus altíssimo. Oh, grande e insuportável infortúnio! Ai de mim! Nem de dia nem de noite conheceria jamais a bênção do descanso! (POE, 2010, p. 19).

Nesse trecho podemos notar que o narrador faz referência a uma passagem bíblica, na qual Caim mata seu irmão Abel, e é posteriormente amaldiçoado por Deus, não tendo nunca mais nem um dia de paz na terra. No conto o narrador se apodera desse episódio e compara-se a Caim, o assassino, que não tem sequer um dia de descanso, e o gato é comparado a Abel, o assassinado. Ao se comparar com Caim, o irmão que desagradou a Deus e foi castigado por Ele, o homem revela que também cometeu um pecado e como Caim, tornou-se um miserável, sem paz nem de dia nem de noite. Com a referência a essa passagem e o homem representando Caim, Poe revela que o povo que ocupava os Estados Unidos na primeira metade do século XIX não era um povo escolhido por Deus, pelo contrário, eram homens como Caim, o irmão desobediente e amaldiçoado por Deus, portanto, também eles o eram. Então eles, os norte-americanos, eram um povo amaldiçoado. Talvez essa fosse à crítica mais árdua e cara a esse povo que desde o princípio buscou vestígios na Bíblia que os ligassem ao povo de Israel. Nesse trecho do conto ao fazer referência a esses “personagens históricos” o autor faz uso das técnicas de autenticação do discurso de Freitas (1986), pois a existência de Caim e Abel e da morte deste pelas mãos daquele podem ser comprovadas pela Bíblia.

Constatamos que em **O Gato Preto** Edgar Allan Poe insere alguns fatores externos e reconhecíveis e que ao compor internamente o texto revela uma parte da sociedade norte-americana que esta não quer assumir, tampouco revelar, a parte obscura. E por isso como um autêntico estadunidense o homem de Poe não atribuiu a si a autoria de tudo que fez e do que se tornou, mas ao gato preto “[...] cuja sagacidade me levou ao assassinato e cuja voz reveladora me entregava ao carrasco.” (POE, 2010, p. 22). Do mesmo modo que séculos antes, 1692, no surto de bruxaria na cidade de Salem,

Os habitantes de Massachusetts haviam se dado conta de que não apenas a *Bíblia* e as boas intenções haviam atravessado o oceano, mas todas as suas mesquinharias, maledicências e tensões. Melhor seria, assim, atribuir esses problemas ao demônio e a seus seguidores. (KARNAL et al., 2007, p. 45, grifo do autor).

Notamos que a parte obscura da sociedade norte-americana existe desde a colonização e desde então vem sendo negada e atribuída a outros seres, principalmente ao demônio. Bem como a personagem de Poe que também atribuiu suas ações perversas ao gato preto, ser que faz alusão ao mal. Da mesma forma que atribuem os personagens e acontecimentos deste conto e de outros, representantes apenas de Edgar Allan Poe e não de sua sociedade.

Realizadas as análises dos contos que nos propomos, no próximo tópico apresentaremos o que concluímos com a realização deste trabalho.

## 5 CONCLUSÃO

Com a realização do presente trabalho notamos certa relação entre os assuntos discutidos em cada capítulo. Pois tanto os Estados Unidos da América, o gênero Gótico, Edgar Allan Poe, Literatura e História, **A Queda da Casa de Usher** e **O Gato Preto** estão imersos em um oceano, nem sempre pacífico, de opiniões. Contudo, as ligações mais fortes foram entre o país e os contos, uma vez que como identificamos e descrevemos, este faz algumas referências aquele, nos permitindo estabelecer possíveis relações entre ambos, e possibilitando constatar que os personagens dos contos, analisados, de Edgar Allan Poe não são apenas os habitantes dos textos ficcionais de Poe, são também, e primeiramente, os habitantes do país norte-americano, dos Estados Unidos da América.

Percebemos também que não é tarefa fácil estudar obras de um homem que apesar de falecido há quase dois séculos ainda carrega consigo tantas opiniões divergentes, um autor sem classificação, e, por isso extremamente complexo, interessante e alvo de constantes e produtivas discussões no meio acadêmico. E o nível de complexidade evolui se estudamos tais obras relacionando-as com História, principalmente dos Estados Unidos, uma vez que Literatura e História por si só constituem um dos temas caros para os estudiosos, e a nação norte-americana tão orgulhosa de si dificilmente reconhece e permite críticas a sua História.

Constatamos que em **A Queda da Casa de Usher** Edgar Allan Poe cria os irmãos Usher e a Casa de Usher para representar seus conterrâneos e seu país, estabelecendo ligações, que necessitam de um olhar atento para enxergá-las, com dois fatos importantes da e para a História norte-americana, um anterior a sua época e outro posterior. Concomitante as referências aos fatos históricos Poe ergui críticas a algumas atitudes e ideias dessa nação. No segundo conto **O Gato Preto**, o autor direcionou suas críticas à sociedade e tempo no qual vivia e para qual olhou atentamente, e viu para além do que sua sociedade si permitia e exibia. Por isso ao denunciar em seu conto a parte “oculta” de sua sociedade esta não reconhece nem aceita tal parte como sua.

As leituras e análises minuciosas de ambos os contos de Horror, bem como das pesquisas bibliográficas nos permitiram concluir que diferente do que muitos autores afirmam, Edgar Allan Poe foi um autor que olhou o mundo a sua volta, até mesmo o que não estava tão próximo, e os representou nesses textos

ficcionais. Assim, embora os norte-americanos contemporâneos e posteriores ao seu tempo propagem que Poe e suas obras não os representam, constamos com este trabalho que os horrores presentes em **A Queda da Casa de Usher** e **O Gato Preto** são os horrores presentes na sociedade norte-americana. Portanto, o Horror, como Poe, não está desvinculado da realidade, pelo contrário busca e encontra nesta a matéria-prima para criar suas obras.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Hervey. **Israfel**: vida e época de Edgar Allan Poe. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1945.

BAUDELAIRE. Charles. Prefácio. In: POE, Edgar Allan. **Contos de imaginação e mistério**. Trad. Cássio de Arantes Leite. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2012. p. 07–19. Disponível em: <<http://lelivros.download/book/download-contos-de-imaginacao-e-misterio-edgar-allan-poe-em-epub-mobi-e-pdf/>> Acesso em: 22 ago. 2016.

BORGES, Jorge Luis. O conto policial. In: \_\_\_\_\_. **Cinco visões pessoais**. Trad. Maria Rosilda Ramos da Silva. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 49–58.

BRANCO, Isabel Rute Araújo. O fantástico e a sua <<família>>. In: \_\_\_\_\_. **A recepção do realismo mágico na literatura portuguesa contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008. p. 160. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/4640/1/A%20RECEP%C3%87%C3%83O%20DO%20REALISMO%20M%C3%81GICO%20NA%20LITERATURA%20PORTUGUESA%20CONTEMPOR%C3%82NEA%20%28Isabel%20Ara%C3%BAjo%20Branco%29.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: <[http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio\\_Candido\\_-\\_Literatura\\_e\\_Sociedade.pdf](http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2016.

COSSON, Rildo. SCHWANTES, Cíntia. Romance histórico: as ficções da história. **Itinerários**, Araraquara, n. 23, p. 29–37, 2005. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2804/0>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

DELEUZE, Gilles. Whitman. In: \_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 76–82.

FIORI, José Luís. O Poder Global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites. In: FIORI, José Luís (Org.). **O poder americano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 01–42. Disponível em: <<http://www.poderglobal.net/wp-content/uploads/2015/08/CAPITUALO-ESTADOS-UNIDOS-FIORI.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

FRANÇA, Júlio. O horror na ficção literária: reflexões sobre o “horível” como uma categoria estética. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/077/JULIO\\_FRANCA.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/077/JULIO_FRANCA.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Fundamentos estéticos da literatura de horror: a influência de Edmund Burke em H. P. Lovecraft. In: Caderno Seminal Digital. **Dialogarts**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 14, p. 73–89, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/10358/8161>. Acesso em: 22 ago. 2016.

FREITAS, Maria Teresa de. **Literatura e História: o romance revolucionário de André Malraux**. 1. ed. São Paulo: Atual, 1986.

KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XIX**. São Paulo: Contexto, 2007.

PHILIPPOV, Renata. Visão diacrônica da obra estética e poética de Edgar Allan Poe. In: \_\_\_\_\_. **Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire: trajetórias e maturidade estética e poética**. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 140. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde.../Tese\\_-\\_Renata\\_Philippov1.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde.../Tese_-_Renata_Philippov1.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2016.

POE, Edgar Allan. A Queda da Casa de Usher. In: \_\_\_\_\_. **Histórias extraordinárias**. Trad. Pietro Nasseti. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010. p. 137–154.

\_\_\_\_\_. O Gato Preto. In: \_\_\_\_\_. **Histórias extraordinárias**. Trad. Pietro Nasseti. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010, p. 13–22.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da Composição**. São Paulo: Globo, 1993. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/31113878/mod\\_resource/content/1/Poe%20-%20A%20filosofia%20da%20composi%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/31113878/mod_resource/content/1/Poe%20-%20A%20filosofia%20da%20composi%C3%A7%C3%A3o.pdf)> Acesso em: 03 set. 2016.

ROSSI, Aparecido Donizete. Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesa e norte-americana: um panorama. **ÍCONE**, São Luís de Montes Belos. v. 2, p. 55-76, jul. 2008. Disponível em: <[www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/download/5128/3402](http://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/download/5128/3402)> Acesso em: 23 ago. 2016.

SILVA, Ana Maria Zanoni da. **Humor e sátira: a outra face de Edgar Allan Poe**. Tese (Doutorado em Estudos Literários)–Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2007, p. 178. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102397/silva\\_amz\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102397/silva_amz_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 28 ago. 2016.

STUART, Walton. Medo. In: \_\_\_\_\_. **Uma história das emoções**. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 26–62.

WELLEK, René. **Conceitos de Crítica**. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, 1963.